

APRESENTAÇÃO

A revista ARTEFILOSOFIA, em seu décimo nono número, apresenta artigos selecionados, a partir do extenso material recebido através de fluxo contínuo, por pareceristas versados e versadas nas áreas a que se referem. Solicitamos que fosse mantido, como de praxe, dentre os critérios adotados, o que diz respeito à capacidade de realizar, com rigor e originalidade, análises de obras de arte – e de outros fenômenos estéticos – a partir de conceitos desenvolvidos ao longo da tradição filosófica. Com isso, visamos ampliar as perspectivas teóricas e práticas relativas à dimensão estética e fazer jus ao título da revista que, ao unir arte e filosofia em uma única palavra e em uma palavra única, reflete a realidade do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, da Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto onde, por escolha própria – não sem discussões e diferentemente de sua posição mais habitual no locus das “ciências humanas” – a filosofia encontra-se ao lado do teatro e da música.

Levando adiante tais conexões, o poder da música sobre a *psykhé*, conforme tematizado por Platão, é o foco do artigo de Diogo Norberto Mesti, que abre a ARTEFILOSOFIA 19, seguido pela instigante análise da música contemporânea a partir do conceito latino *dispositio*, realizada por William Teixeira da Silva e Silvio Ferraz. Duas ordens guiaram-nos na disposição dos textos: a cronológica e a temática.

Tendo em vista a abertura a eventuais novos diálogos entre artistas e filósofa/os, aos dois primeiros artigos, cujo tema é a música, seguem uma leitura espinozista (conforme adjetivada pela autora Gabriela Guimarães Gazzinelli) de *Perto do coração selvagem*, e uma ousada investigação acerca da proficuidade das categorias da estética kantiana para entendermos a fruição estética passível de ser provocada pelos *ready made* de Marcel Duchamp, no artigo de Alice Lino.

Continuando na ordem do tempo, enriquecedoras conexões da filosofia com a literatura são apresentadas por Luciana Dadico (em “O Dom Quixote, nos *Cursos de Estética* de Hegel. Considerações sobre o caráter do personagem cômico”) entre Cervantes e Hegel, e por Olímpio Pimenta (em “Por um classicismo dionisíaco: Nietzsche e a literatura”) entre Lawrence Sterne e Nietzsche, por exemplo.

A Teoria Crítica fornece o aparato conceitual a “Rua de mão dupla: Passagens entre a arte e a publicidade”, de Aléxia Bretas; “Coreografia da Desobediência: *Fim de partida* de Samuel Beckett”, de Luciano Gatti; “A obra de arte como práxis”, de Bruno

Pucci, Luiz Carlos Andrade de Aquino e Artieres Estevão Romeiro; e “Fantasia e Memória na Sociedade do Espetáculo”, de Robson Loureiro. A atualidade e vigor das reflexões realizadas pelos filósofos da chamada Escola de Frankfurt – Benjamin, Adorno, Horkheimer e Marcuse – ficam evidentes nestes artigos.

Ligado a questões estéticas e unindo arte e filosofia analítica, um lado menos conhecido de Wittgenstein é nos detalhadamente apresentado nos textos sobre “a poética dos jogos de linguagem” de Nuno Ribeiro e “Elementos de Pragmática Musical: A Ação Linguística do Leitmotiv e da Fórmula”, de Rafael Duarte Oliveira Venâncio.

Através da aliança com a sempre provocante filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari, em “A maravilhosa expedição da música *esquiza*”, Ive Novaes Luna traz a música e a cena teatral de volta a ARTEFILOSOFIA 19. E questões relativas à arte, para além das perspectivas formais e voltadas à capacidade transformadora desta, que atravessam vida e obra de Lygia Clark são o foco de Francisco Romão Ferreira e Larissa Escarce Bento Wollz, no artigo “Lygia Clark na solidão da fronteira entre a arte, a psicanálise e a filosofia”.

Fecha o número 19 a resenha, escrita por Olímpio Pimenta, da primeira tradução no Brasil, de *A alma e as formas* de Georg Lukács. Publicada neste ano, a obra do notável filósofo húngaro, traduzida por Rainer Patriota, traz uma Introdução de Judith Butler e um Posfácio do tradutor.

Imaculada Kangussu

Ouro Preto, dezembro de 2015.